

Caro(a) professor(a),

É com prazer que apresentamos mais um número do Boletim das Licenciaturas e Bacharelados, resultado de um esforço coletivo para proporcionar à comunidade acadêmica um espaço de diálogo e reflexões sobre o fazer educativo.

Contempla a edição o relato de experiência exitosa dos professores *Graciano Almeida Sudré* e *Mayara Rocha Siqueira Sudré*, docentes dos cursos de Medicina e Enfermagem, respectivamente, da Universidade Federal de Rondonópolis, acerca do uso da metodologia da Espiral Construtivista no processo ensino-aprendizagem. Trata-se de uma metodologia com grande potencial para, entre outros aspectos, estimular a construção do conhecimento de forma sistematizada e organizada em grupos de aprendizagem, incentivar o trabalho interprofissional e promover a autonomia do aluno.

Na seção de entrevista, colabora com a edição o professor *Rodolfo Sebastião Estupiñán Allan*, coordenador do curso de Matemática do Instituto de Ciências Exatas e da Terra, Câmpus Cuiabá, que nos apresenta o resultado de uma pesquisa realizada com os estudantes da graduação, a qual buscou, entre outros objetivos, conhecer seus posicionamentos sobre a flexibilização dos componentes curriculares. "Os discentes estão preocupados com seu futuro. Estão dispostos a tentar fazer funcionar um caminho que, sem dúvida, é bem diferente do original, mas que traz a esperança de alcançar o objetivo principal", sublinha o professor.

Por fim, agradecemos aos docentes pela contribuição e expressamos o desejo de que esta publicação possa estimular novas iniciativas.

Boa leitura!

RELATO DE EXPERIÊNCIA EXITOSA

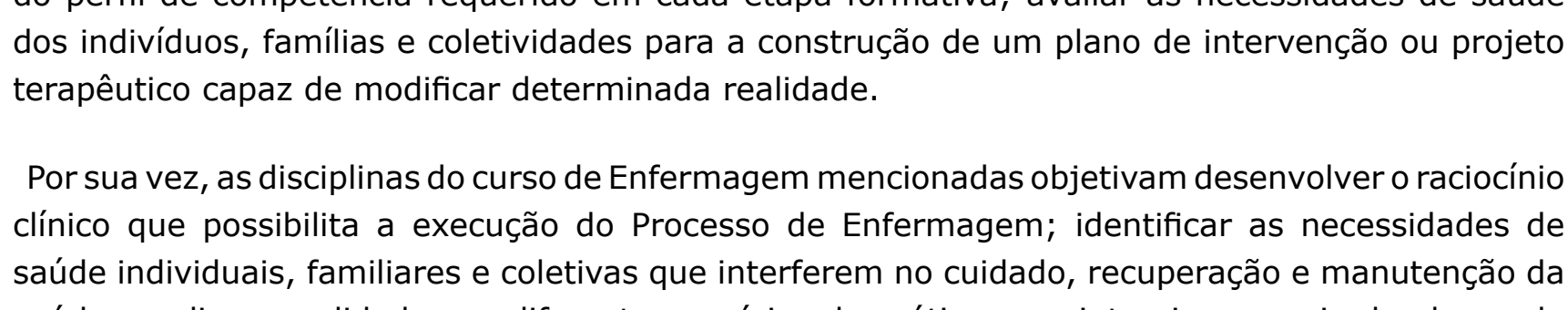
Diálogo e interação no processo ensino-aprendizagem: o uso da metodologia da Espiral Construtivista na educação superior

Nesta seção, os professores *Graciano Almeida Sudré* e *Mayara Rocha Siqueira Sudré* relatam uma experiência exitosa de uso da Espiral Construtivista, metodologia ativa de ensino-aprendizagem embasada na teoria sociointeracionista da educação, em disciplinas que ministram na Universidade Federal de Rondonópolis (UFR).

O professor Graciano Almeida Sudré iniciou suas atividades como docente universitário no curso de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Rondonópolis, em 2012. Desde 2015 está lotado no curso de Medicina da UFR. Tem graduação em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Federal de Mato Grosso, mestrado profissional em Gestão da Clínica pela Universidade Federal de São Carlos e é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem em Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP).

A professora Mayara Rocha Siqueira Sudré iniciou suas atividades no curso de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus Universitário do Araguaia, em Barra do Garças, e desde 2015 é docente do curso de Enfermagem da UFR. Possui graduação em Enfermagem e Obstetrícia em mestrado em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso. É doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP).

Com a palavra, os professores!



Considerações iniciais

A Espiral Construtivista é uma metodologia que tem sido empregada por nós, Graciano Almeida Sudré, docente do curso de Medicina da UFR, corresponsável por disciplinas do eixo de Interação Comunitária, atividades do PET-Saúde e Residências Multiprofissionais, e Mayara Rocha Siqueira Sudré, docente do curso de Enfermagem, corresponsável por disciplinas de Saúde do Adulto e Idoso, ministradas no 5º semestre, Estágio Supervisionado do 8º semestre, atividades do PET-Saúde e pelo Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto e Idoso.

As disciplinas do curso de Medicina do eixo de Interação Comunitária, especialmente as do 5º ao 8º semestre, assim como as atividades do PET-Saúde e as Residências Multiprofissionais, compartilham objetivos comuns, entre outros, como observar a realidade dos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS); interagir com diferentes equipes de saúde do SUS a fim de aproximar-se do perfil de competência requerido em cada etapa formativa; avaliar as necessidades de saúde dos indivíduos, famílias e coletividades para a construção de um plano de intervenção ou projeto terapêutico capaz de modificar determinada realidade.

Por sua vez, as disciplinas do curso de Enfermagem mencionadas objetivam desenvolver o raciocínio clínico que possibilita a execução do Processo de Enfermagem; identificar as necessidades de saúde individuais, familiares e coletivas que interferem no cuidado, recuperação e manutenção da saúde; avaliar a realidade nos diferentes cenários de prática para intervir por meio de planos de cuidado, construídos e reavaliados de forma sistematizada e contínua, entre outros aspectos.

Os discentes dessas iniciativas educacionais possuem forte inclinação para o desenvolvimento do trabalho em equipe interprofissional e de práticas colaborativas. A quantidade de conteúdos a ser construída demanda alta carga horária de estudo individual, o que possibilita o agir em saúde de forma segura, constantemente avaliada e supervisionada pelos professores ou preceptores.

Metodologias ativas: breves reflexões

As metodologias ativas são ações inovadoras que auxiliam no processo de ensino-aprendizagem por meio de distintas estratégias, inobservadas de uma maior interação do estudante com o professor e com os problemas de determinada realidade, visando à construção de um olhar crítico em relação ao conhecimento a ser aprendido. Algumas características/habilidades são fundamentais para que o docente reestruture suas atividades a fim de assumir as estratégias de inovação no processo de construção do conhecimento, a saber:

Trabalho em equipe: como a preparação da aula é ampliada de uma ação individual para coletiva, o envolvimento de diferentes docentes no processo de construção e condução dos estímulos educacionais é fundamental.

Planejamento: o cronograma de encontros para compartilhamento e estudo deve ser criteriosamente elaborado e seguido, pactuando no início do semestre todas as ações para que todos consigam se organizar e, de forma efetiva, movimentar o grupo na direção pretendida.

Facilitação de pequenos grupos: um grande desafio neste processo de transição do ensino tradicional para estratégias inovadoras é a capacidade de se abster do papel de professor palestrante para assumir o papel de facilitador, atento aos movimentos do grupo, fazendo a leitura dos integrantes que o compõem e do papel que cada um exerce, estimulando, entre outros aspectos, a interação entre os membros.

Criatividade: surge como habilidade necessária em todas as outras etapas e que permite elaborar situações disparadoras de aprendizagem, repletas de intencionalidade, com sensibilidade de apresentar determinada realidade ao estudante, contextualizando os objetivos educacionais.

Em estratégias ativas de aprendizagem, o grupo é indivíduo-dependente, e cada um de seus integrantes desempenha um papel fundamental para o completo funcionamento do processo, mantendo-se a preocupação com a construção individual de determinado saber.

O que é a Metodologia da Espiral Construtivista?

Em 2004, como uma diferente forma de desenvolver a Aprendizagem Baseada em Problemas, a Espiral Construtivista foi utilizada em um curso de abrangência nacional de Ativação dos Processos de Mudança para profissionais da saúde que exerciam atividades no Sistema Único de Saúde. Em seguida, o mesmo formato foi inserido no currículo de uma escola médica de uma universidade federal do interior de São Paulo, tendo, a partir desse local, sua instalação em diferentes iniciativas, tanto na graduação quanto na pós-graduação, na formação de profissionais e gestores para o SUS, apoiadas por hospitais de excelência.

Em 2017 a abordagem foi caracterizada como tipo de metodologia ativa em um artigo publicado na "Revista Interface", por sua idealizadora, Profa. Dra. Valéria Vernaschi Lima, denominado: "Espiral Construtivista: uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem". A metodologia consiste na formação de grupos de aprendizagem acompanhados por um facilitador que faz uso de um disparador do processo de ensino-aprendizagem repleto de intencionalidade (por exemplo, uma situação-problema), sendo constituída por seis etapas, divididas em dois momentos:

No *primeiro momento* com três etapas (problemas/hipóteses/questiones), o grupo se debruça sobre o disparador encaminhado ou entregue pelo facilitador, para identificar e conversar sobre as situações-problema que permeiam determinado contexto, real ou fictício, com o objetivo de construir hipóteses explicativas desses problemas e questões que irão nortear as buscas em bases de dados.

O *segundo momento* inicia-se em um processo individual de busca às questões levantadas, acessando bases de dados confiáveis e utilizando descritores e palavras-chave para seleção dos artigos e textos que fundamentarão todo o processo de construção de um novo conhecimento. Para essa ação, torna-se fundamental a previsão de espaços garantidos para estudo individual durante a semana típica. A segunda etapa do segundo momento é uma construção coletiva, permeada por acréscimos ao conhecimento prévio com incremento dos resultados obtidos por meio das buscas, validando ou reorganizando as hipóteses e compartilhando as informações que irão incrementar todo o processo formativo. A última etapa, que também marca a possibilidade de reativação de todo o processo, é a avaliação, em que existe a possibilidade de transitar a fala por todos, inclusive pelo facilitador, permitindo a avaliação formativa do processo, com autoavaliação, avaliação dos pares e da facilitação do grupo, além da correção de rotas e confirmação da aquisição de novas competências.

Diferenças entre Espiral Construtivista e Metodologias Problemáticas

Na Espiral Construtivista, o contexto da situação-problema que dispara o processo de ensino-aprendizagem tem a pretensão de ser mais explicativo, completo, considerando diferentes aspectos para construir uma intencionalidade educacional, impregnada do contexto social, físico, ambiental, biológico, psicológico e espiritual dos sujeitos, a fim de definir e explicar determinada realidade e seus problemas.

Essa característica carrega a principal diferença ao ser comparada com a Aprendizagem Baseada em Problemas, por explorar mais o contexto e as situações em que os problemas estão inseridos. Além disso, na primeira etapa da estratégia, conforme explicitado, não se procura desvelar os termos desconhecidos porque fazem parte das necessidades de aprendizagem. Em relação à metodologia da problematização, a diferença é que nem sempre se debruça sobre uma realidade concreta, sendo também apresentada de forma fictícia para atingir uma intencionalidade educacional específica e, por esse motivo, não elabora planos de intervenção em determinada realidade.

A Espiral Construtivista na UFR: o ensino e a aprendizagem sob outra ótica

Nos cursos de Enfermagem, Medicina e Psicologia da UFR, essa estratégia não foi adotada como metodologia norteadora do currículo, no entanto, alguns docentes a utilizam em momentos específicos do curso, inclusive observam suas etapas como docentes das ações em sala de aula. A primeira aplicação na graduação da Universidade ocorreu no curso de Enfermagem, nas disciplinas "Introdução à Gestão em Saúde" e "Gestão em Saúde", em 2013 e em 2018, e, de forma adaptada, na disciplina "Enfermagem em Saúde do Adulto e Idoso".

A metodologia foi inserida também, no ano de 2015, como principal estratégia do processo de ensino-aprendizagem no Projeto Pedagógico do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família e, em 2016, no Programa de Residência em Saúde do Adulto e Idoso. Em 2019, foi incluída no PET-Saúde Interprofissionalidade da UFR como metodologia fundamental para a formação da carga horária teórica do programa, envolvendo acadêmicos de quatro cursos de graduação: Biologia, Enfermagem, Medicina e Psicologia. No contexto das residências e do PET-Saúde, a Espiral Construtivista facilita a integração interprofissional e estimula a aproximação dos estudantes, possibilitando troca de conhecimento entre os diferentes campos de saber.

A maior motivação em adotar essa metodologia foi identificar que ela permite o exercício de habilidades que estimulam os estudantes na condução e participação de grupos: reuniões de equipe, educação em saúde, educação continuada, conselhos gestores e processos de educação permanente.

Em grandes turmas, é esperado que haja um docente para facilitar cada grupo, composto por até 12 estudantes. São divididos em espaços que garantam o trabalho em grupo e a discussão sem interrupções. O funcionamento desse coletivo obedece a um contrato educacional formalizado no início do semestre com o facilitador para regular o uso de instrumentos eletrônicos, do ambiente e dos utensílios, cadeiras, mesas, quadro, targetas, assim como o uso e distribuição da fala (sempre respeitar a fala dos demais integrantes do grupo). O contrato envolve também questões de sigilo, responsabilidade para buscas com qualidade e comprometimento com o processo educacional, respeito ao horário e às pactuações coletivas.

Cada momento em grupo da Espiral Construtivista ocorre durante um período de duas a três horas, finalizando-se com a avaliação e enconstruindo de sintese individual do conteúdo, das atividades com utilização do portfólio para acompanhamento do processo formativo e observação do deslocamento no decorrer do curso.

Sobre o uso da Espiral Construtivista no ensino remoto emergencial

Essa abordagem foi elaborada para ser desenvolvida no ensino presencial, no entanto é viável no ensino remoto, podendo ser trabalhada online com a utilização de ferramentas que permitem o funcionamento do grupo de forma síncrona, sem nenhum prejuízo educacional, utilizando-se o tempo previsto para cada etapa, principalmente quando compartilhados áudio e imagem. Para o facilitador, observar as expressões e linguagem não verbal auxilia no processo de facilitação do grupo e correção da trajetória em direção à intencionalidade educacional. O uso de ferramentas assíncronas também permite o funcionamento do grupo, no entanto demanda carga horária aumentada, comportando tempo para escrita e leitura de todo o processo nos fóruns construídos para cada situação-problema.

O Ambiente Virtual de Aprendizagem já foi utilizado para desenvolvimento e apoio a essa metodologia, principalmente em cursos de especialização, porém de forma complementar às ações presenciais. Com a pandemia de COVID-19, o AVA coloca-se como importante ferramenta para garantir os processos formativos, devendo-se atentar para a adequação das estratégias de produção de conteúdo a fim de estimular a aprendizagem de forma adequada, não substituindo os encontros por videoconferência, principalmente visando a melhor utilização do tempo.

As Tecnologias da Informação e Comunicação têm auxiliado nos processos de superação das barreiras colocadas pelo isolamento social. Ademais, explorar as diferentes possibilidades auxilia na aproximação do novo perfil de acadêmicos, imerso na era digital, que apresenta facilidades incriáveis no desenvolvimento de multitarefas em diferentes plataformas, simultaneamente.

Uma estratégia repleta de potencialidades

Além de todos os momentos que permitem estimular a construção do conhecimento de forma sistematizada e organizada em grupos de aprendizagem, essa metodologia permite aprimorar aspectos cognitivos, relacionais e psicomotores, aproximando os acadêmicos de um perfil de competência adequado para as ações em saúde. Uma estratégia repleta de potencialidades facilitadoras do trabalho interprofissional e das práticas colaborativas em saúde, que permitem agir pautado na diálogo e na valorização do outro como pessoa compartilhadora de um saber importante para a construção coletiva da aprendizagem.

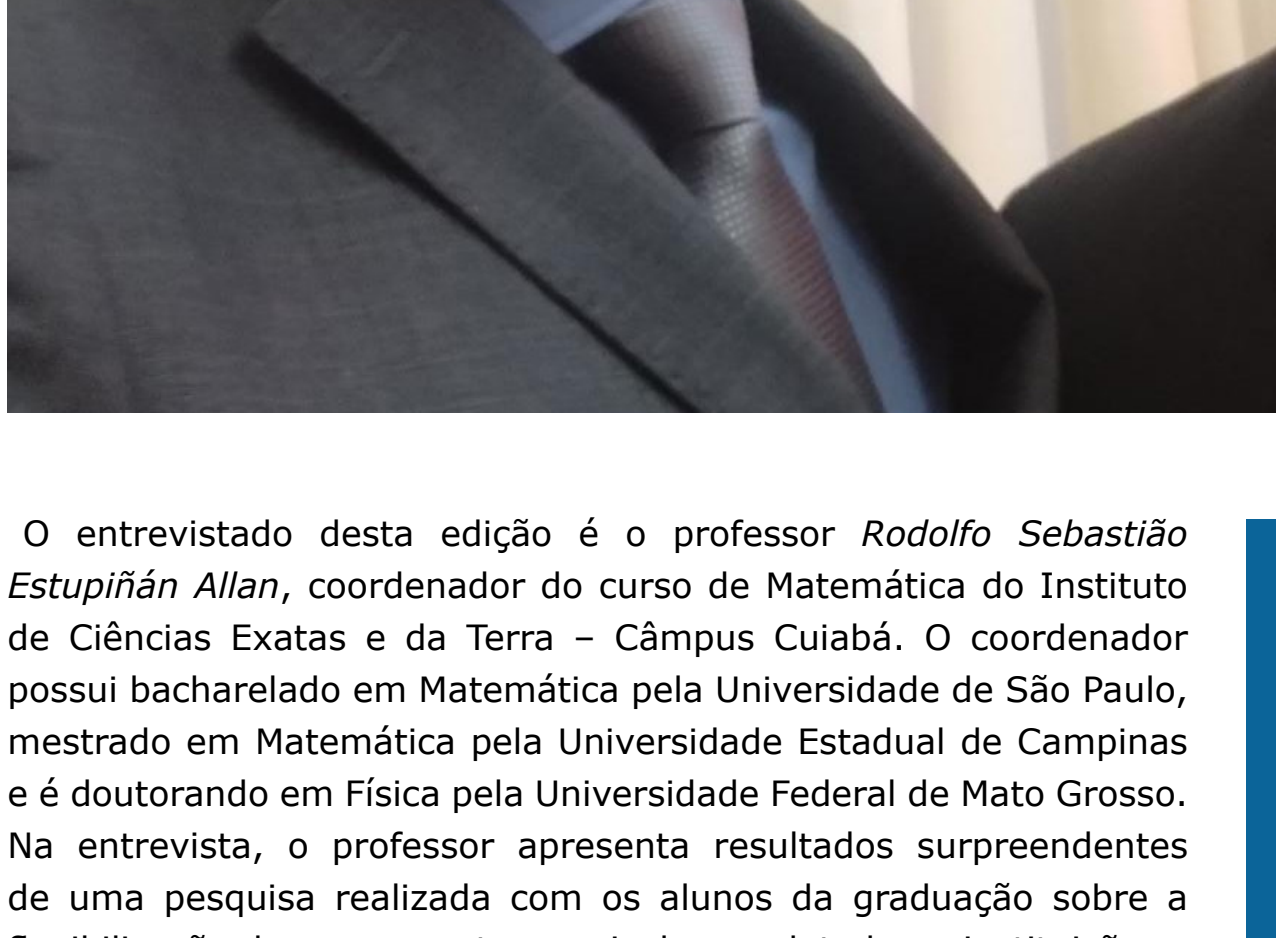
Considerações finais

A adoção de metodologia ativa, em especial da Espiral Construtivista, tem possibilitado a formação de profissionais que valorizam o outro no desenvolvimento das ações cotidianas em saúde e que articulam no cotidiano dos serviços os diferentes grupos, seja de usuários dos serviços de saúde, trabalhadores ou gestores.

No contexto institucional, ações importantes dos cursos que desenvolvem atividades com metodologias inovadoras são a readequação das salas de aula que ainda guardam a estrutura com foco no professor e não no estudante; a qualificação dos docentes para que consigam lidar com diferentes iniciativas educacionais; e a readequação do sistema acadêmico para aceitação, por exemplo, de inserção não só de notas, mas também de conceitos, entre outras questões.

Diversos são os desafios, no entanto, os resultados são gratificantes e além de tudo aproximam os docentes dos estudantes, transformando as relações institucionais, formando profissionais com inclinação à construção de redes de apoio, intervenção e aprendizagem.

Entrevista



O entrevistado desta edição é o professor *Rodolfo Sebastião Estupiñán Allan*, coordenador do curso de Matemática do Instituto de Ciências Exatas e da Terra – Câmpus Cuiabá. O coordenador possui bacharelado em Matemática pela Universidade de São Paulo, mestrado em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas e é doutorando em Física pela Universidade Federal de Mato Grosso. Na entrevista, o professor apresenta resultados surpreendentes de uma pesquisa realizada com os alunos da graduação sobre a flexibilização de componentes curriculares adotada na instituição.

Boletim das Licenciaturas e Bacharelados (BLB) – Qual foi o objetivo da pesquisa sobre flexibilização curricular realizada no curso de Matemática e qual o público-alvo?

Rodolfo Allan — Inicialmente, entendíamos que flexibilizar componentes curriculares não seria vantajoso para os estudantes, mas como pesquisadores, também sabíamos que a nossa decisão seria muito mais efetiva se tivéssemos a participação dos nossos discentes. Assim, começamos um movimento nessa direção. Não foi um caminho fácil, no entanto, democrático. Observamos que outros cursos haviam feito pesquisas mais detalhadas com seus alunos e alguns inclusive criaram programas de acompanhamento dos discentes, como a Psicologia, a Medicina, e a Saúde Coletiva. Em reunião de Colegiado, de posse dessas iniciativas, decidimos realizar uma pesquisa com os discentes do curso, a fim de verificar, num primeiro momento, se queriam ou não ser contatados pela Universidade.

Vimos a oportunidade de reaplicar o questionário elaborado pelo Centro Acadêmico, com o objetivo, desta vez, de atingir o maior número de alunos com algum vínculo no curso (ativos, com matrícula trancada ou que desistiram do curso). Então, partindo das críticas recebidas do questionário anterior e com o auxílio do questionário aplicado pelo Colegiado do curso de Psicologia (gentilmente cedido pela então Coordenadora de curso, professora Aparecida Campos), criamos o nosso. Foram três os objetivos que buscamos alcançar: acompanhamento do discente do curso, real perfil do discente e posição clara e objetiva sobre a flexibilização.

BLB – Quando a pesquisa foi realizada, qual sua abrangência e como foi estruturada?

Rodolfo Allan — O questionário foi disponibilizado a todos os discentes do curso, cuja divulgação foi realizada pelo e-mail particular e nos grupos de WhatsApp, do dia 1 a 11 de agosto. Ao final do dia 11, tínhamos já registrados 93 respostas. Dada a grande riqueza e alcance dos dados (58% dos alunos do curso), o Colegiado decidiu reabrir o questionário visando aumentar a abrangência, almejando obter respostas dos 65 discentes restantes.

O questionário foi estruturado em cinco partes: i) informações gerais acerca do rol das disciplinas que poderiam ser flexibilizadas, procedimentos para matrícula, datas importantes; ii) identificação e preferência do discente (que serviu sobremaneira para montar as turmas sem choques de horários); iii) questões voltadas para o aluno como pessoa humana, procurando saber se ele estava na cidade, se teve contato com a doença, o tempo disponível para estudo, se havia interesse/necessidade de acompanhamento individualizado etc; iv) questões sobre os recursos tecnológicos disponíveis, tanto referentes ao acesso à internet quanto a equipamentos, e acerca da quantidade de estudantes que pediram auxílio de inclusão digital; v) questões sobre os motivos pelos quais os discentes preferiam, ou não, a flexibilização.

BLB – Qual é o perfil dos participantes?

Rodolfo Allan — Quando assumi a coordenação, minha visão era de que meus alunos tinham, na maioria, o perfil hipossuficientes. A pesquisa quebrou esse paradigma, pois a maioria dos alunos do curso de Matemática reside em Cuiabá, possui acesso à banda larga com um computador pessoal, tempo para se dedicar aos estudos e não precisa de auxílios da PRAE. Os três últimos coordenadores do curso fazem parte da atual composição do Colegiado, e todos nós compartilávamos a mesma visão, tendo sido surpreendidos pelo resultado da pesquisa.

BLB – Os entrevistados no geral se posicionaram como satisfeitos ou insatisfeitos com a proposta da flexibilização curricular?

Rodolfo Allan — A partir das respostas obtidas, constatamos que dos entrevistados, 93.5% (87 respostas) vão aderir à flexibilização. Destes, há três motivos mais relevantes que os fizeram se posicionar assim: a oportunidade de adiantar o curso, sem ter que aguardar o fim do semestre presencial (81.8%); a falta de previsão de retorno das atividades presenciais (55.7%); e a necessidade de concluir o curso (42%).

Dos seis discentes que responderam que não vão aderir à flexibilização, metade afirma que não viu vantagem na proposta, um terço afirmou que não possui tempo e/ou ambiente adequado. Ainda antes da entrevista, verifiquei a matrícula desses alunos, dos seis, três mudaram de ideia e estão acompanhando ao menos uma disciplina flexibilizada. Vale observar que o planejamento feito pela Coordenação permitiu a fácil alteração do discente de disciplina flexibilizada e presencial, alterando a subturma da disciplina. Assim, basta o aluno informar à coordenação por e-mail ou SEI que a alteração é feita.

BLB – Quais resultados obtidos você considera relevantes?

Rodolfo Allan — O principal resultado foi a porcentagem de adesão à flexibilização, o que corrobora a decisão do Colegiado em aderir à resolução 32 do Consejo. A primeira pesquisa divergia muito da noção que tínhamos dos discentes, o resultado atual mostrou que não estávamos errados. Outro resultado relevante foi o fato de que três dos 93 discentes que responderam à pesquisa haviam abandonado o curso e decidiram retornar em face da flexibilização. Em um semestre normal, a semana do ajuste do Coordenador é acompanhada de diversos pedidos de trancamento e abandono do curso. Este semestre houve um único pedido. Assim, a evasão (considerando apenas os entrevistados) foi negativa. Finalmente, e não menos importante, a atualização sobre o perfil do curso é extremamente necessária. Permitirá pesquisas mais profundas sobre a profissão "professor".

BLB – Foram feitas perguntas de respostas abertas? Se sim, qual(is) foi(ram)? Qual(is) a(s) resposta(s) chamou(ram) mais a sua atenção?

Rodolfo Allan — Fizemos três perguntas com respostas livres. A primeira foi acerca dos fatores que impediam o discente de ter tempo disponível para se dedicar aos estudos. Das 21 respostas apresentadas, o trabalho e concentração foram os motivos mais frequentes. A segunda pergunta foi sobre as expectativas dos alunos a respeito da flexibilização, com 57 respostas. Essas respostas eu transformei em um arquivo PDF e compartilho com os docentes sempre que estão se sentido sobrecarregados pelo trabalho dessa modalidade de oferta de disciplinas, "De alívio de não ter um ano perdido", "Além de estar adiantando algumas matérias, eu espero ter um resultado positivo em relação a elas, também estarei tendo contato com o ensino a distância o que poderá ser útil para mim, como futura professora.". Uma das que mais me chamou a atenção é um recado para os que temem mudanças: "Acredito que é normal ter algo diferente e diante da situação que estamos vivenciando, temos que nos adaptar. Estou confiando em relação à flexibilização." A última pergunta foi direcionada a assuntos não abordados no questionário.

BLB – Quais as principais conclusões observadas a partir dos dados obtidos?

Rodolfo Allan — Os discentes estão preocupados com seu futuro. Eles querem estudar, querem se formar, percebem a importância do curso em sua vida. Portanto, estão dispostos a tentar fazer funcionar um caminho que, sem dúvida, é bem diferente do original, mas que traz a esperança de alcançar o objetivo principal.

BLB – Qual a importância dos dados coletados para o trabalho docente?

Rodolfo Allan — Diante dos dados apresentados, o docente entende as condições de seus alunos, seus interesses, suas expectativas e pode usar isso a favor de seu planejamento do perfil dos estudantes, sem estresses desnecessários. Sabendo o trabalho dos alunos, é possível elaborar com mais precisão os planos de ensino e guias de estudos, mas não somente isso, também é possível apresentar atividades aos alunos direcionadas para eles, adequadas às suas capacidades, cientes de suas dificuldades. Saber também que seus discentes estão interessados é muito importante. Os alunos que estão "em sala de aula" estão ali por pura disposição. Poderiam permanecer em casa, sem fazer nada e sem prejuízo nenhum à sua vida acadêmica.

BLB – Qual é a mensagem do curso de Matemática para alunos e professores com relação à flexibilização curricular?

Rodolfo Allan — Aos professores, obrigado! São diferentes posicionamentos, sempre com respeito à diversidade, confirmam o que todos já sabemos, nossa esperança se renova na e pela educação. Que nos nossos professores não pereçam frente às dificuldades, que não se calem, que não se cansem de ser a esperança de um futuro melhor. E, se for possível, que encontrem tempo para cuidar de si mesmo e de sua família. O *home office* pode tornar isso ainda mais difícil.

Aos alunos, empenho e persistência! Sabemos que o momento é difícil, cada um vai precisar dar o seu melhor. Por outro lado, poderemos ter na flexibilização muitas oportunidades também. É preciso estar aberto. Estamos nos avançando para propiciar o máximo, para que todos consigam alcançar. Então, aproveitem e bons estudos!

Expediente

O Boletim das Licenciaturas e Bacharelados é uma publicação da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (Proeg), por meio da Coordenação de Formação Docente (CFD), em parceria com a Secretaria de Comunicação e Múltiplos Espaços (Secomm) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Pró-Reitoria de Ensino de Graduação: Professora Lisiane Pereira de Jesus. Secretaria de Comunicação e Múltiplos Espaços: Janaina Sarah Pedrotti. Responsáveis pelo BLB: Equipe CFD/UFMT. Coordenador de Formação Docente: Professor Delarim Martins Gomes (CFD/UFMT).

Gerente de Apoio Pedagógico: Professora Taciana Mirna Sambrano (CFD/UFMT). Elaboradora, organização e apresentação do BLB: Jozanes Assunção Nunes (Gerente de Programas Especiais - GPE/CFD/PROEG-UFMT) e Professora Permanente do PPGEL/UFMT. Edição: Jozanes Assunção Nunes (CFD/UFMT) e PPGEL/UFMT) e Michel Lacombe (Secomm/UFMT). Revisão: Mariângela SOLLÍ López (Secomm/UFMT). Diagramação: Milton de Paulo (Secomm/UFMT). Fotos: Anderson Pereira/Focaia e Arquivo Pessoal (Secomm/UFMT). Revisão: Andreza Silva Pereira

